

3 + 1

Um Momento

GABRIELA MACHADO

28.04.17 – 17.06.17

OPENING 28.04.17, 19 – 22h

descompassar a pintura

O trajectória de Gabriela Machado enquanto artista é desconcertante. É desconcertante porque é livre e errante e porque não se conforma aos cânones da disciplina.

Apesar de o reconhecermos como pintura, há neste trabalho um incessante vaivém entre escalas, suportes e materiais que expande os limites da prática, as possibilidades do reconhecimento e torna fluída a nomeação. Há, também, um constante experimentalismo, uma liberdade cromática total, a libertação do gesto como prolongamento de um estado físico ou anímico e não como codificação de qualquer herança ou linhagem formal.

E o ritmo, descompassado, reenvia directamente para o corpo, que “treme e ginga qual pandeiro” e que é a imperfeita e orgânica medida-padrão, a combustão que activa o permanente recomeço que é tornar a fazer, dia após dia - “sem tesão não rola nada”, como diz a artista sobre essa delicada e frágil gestão da liberdade e da vontade de fazer, em conversa colectiva publicada na recente monografia que lhe é dedicada na colecção Arte Bra (Automatica Edições, Rio de Janeiro, 2016).

As pinturas que são apresentadas nesta exposição foram essencialmente realizadas em dois momentos, numa residência de 20 dias nos Estados Unidos, nos Hamptons, em Long Island, no estado de Nova Iorque, onde se propôs produzir uma pintura de pequeno formato por dia, e em Lisboa, no Carpe Diem, onde, para além da reincidência na pequena escala, “atacou” formatos de maiores dimensões. Os dois conjuntos de trabalhos, apesar de terem surgido em lugares distantes, são concomitantes entre si.

Nos Hamptons, Gabriela Machado viveu abandonada à duração dos ciclos da natureza, no meio de uma paisagem líquida dominada pelo lago situado em frente ao atelier onde trabalhava. Como bem sabemos, os lagos são estados de espírito, ecrãs rebatidos em que o tempo se demora ao ritmo da nossa percepção. Mas, os lagos são também exercícios de pintura sobre o indiscernível (ficaram famosos aqueles que foram cabendo a diferentes artistas ao longo da história) - a duração, a translucidez, o movimento das coisas que parecem imóveis. Realizadas “sur le motif”, as pequenas pinturas sucedem-se numa espécie de circulação como variações sobre o mesmo tema: o lago ou, dito de outra forma, um fragmento central de ou para onde afluem massas pictóricas de cores puras e impuras. Algumas delas são reconhecíveis como paisagens, outras como abstrações. Por vezes, irrompe uma natureza-morta, noutras um macaco surge *impromptu*, como estratégia, talvez, para descompassar a pintura, uma forma de sair da norma, do estilo e do tempo histórico. A mudança de escala traz às pinturas mais recentes, já produzidas em Lisboa, mais do que uma ampliação, mais do que uma transposição, um novo campo de exploração: são como um abismo, um mergulho de mar.

É particularmente marcante a proposta de fazer coincidir dois lugares e dois tempos tão bem delimitados no espaço da exposição - não sendo contudo relevante que na montagem os consigamos discernir com clareza, a densidade atmosférica, a luz, as variações cromáticas, a forma como a artista nos faz aceder ao território da imagem, fisicamente, emocionalmente, com a memória do nosso corpo biológico, com a experiência do nosso corpo cultural, torna a visita numa permanente abertura. Aquilo que é familiar no desconhecido e vice-versa.

3 + 1

Retomemos o motivo da circulação, sugerido mais atrás no texto. Tudo na prática de Gabriela Machado induz a uma experiência orgânica, tudo avança em espiral, tudo está em movimento, sempre, até à abertura da exposição. Em Lisboa, nos intervalos da pintura procurou imagens, fotografias a preto-e-branco, vestígios de outros tempos, indícios de gestos transcorridos, presenças espectrais que dão corpo a lugares adivinhados. E essas imagens insinuam-se na pintura, talvez até esses lugares já lá estivessem transpostos, transliterados, vertidos em pintura.

A pintura é um território complexo. Para continuar, é preciso esquecer a história (dela), mais do que um *corpus* propor a construção de um corpo colectivo, uma partilha, como diz Gabriela Machado, na conversa já citada, “falar de arte é falar também do colectivo. Entender o que foi feito é entender o que está sendo feito. Criamos nosso próprio sentir a partir do mundo proposto”.

Nuno Faria, Abril 2017